

Índice

Capítulo I	7
Capítulo II	17
Capítulo III	23
Capítulo IV	29
Capítulo V	35
Capítulo VI	45
Capítulo VII	53
Capítulo VIII	61
Capítulo IX	71
Capítulo X	81
Capítulo XI	95
Capítulo XII	105
Capítulo XIII	117
Capítulo XIV	129
Capítulo XV	139
Capítulo XVI	151
Capítulo XVII	161
Notas	173

CAPÍTULO I

Finalmente regressei da minha ausência de duas semanas. Havia já três dias que o nosso grupo estava em Roletenburgo. Eu pensava que eles esperavam por mim com uma impaciência que só Deus sabe, mas estava enganado. O general olhou-me com extrema indiferença, falou comigo com arrogância e mandou-me ir ter com a sua irmã. Era evidente que eles tinham arranjado dinheiro em qualquer parte. Até me pareceu que o general tinha uma certa vergonha de olhar para mim. Maria Filíppovna andava extremamente ocupada e quase não falou comigo, mas no entanto aceitou o dinheiro, contou-o e escutou todo o meu relatório. Para o jantar esperavam Mezentsov, o francesinho e um qualquer inglês; como é costume, assim que há algum dinheiro organiza-se logo um jantar: tal como em Moscovo. Polina Aleksándrovna, quando me viu, perguntou porque me demorei tanto e desapareceu sem esperar resposta. É claro que o fez de propósito. No entanto, precisamos de ter uma explicação. Há muitas coisas acumuladas.

Deram-me um pequeno quarto no terceiro andar do hotel. Aqui sabe-se que eu faço parte do *séquito do general*. Tudo indica que eles conseguiram fazer-se notar. Toda a gente aqui considera o general um riquíssimo senhor russo. Ainda antes do jantar ele teve tempo para me dar, entre outras incumbências, duas notas de mil francos para trocar. Troquei-as ao balcão do hotel. Agora vão olhar para nós como milionários, pelo menos durante uma semana. Eu queria ir passear com Micha e Nádia, mas quando ia na

escada o general mandou-me chamar; achou por bem inquirir para onde os levava eu. Decididamente aquele homem não consegue olhar-me nos olhos; ele bem queria, mas eu respondo-lhe sempre com um olhar tão intenso, quer dizer, tão insolente, que ele parece desconcertado. Falando de um modo extremamente afetado, enfiando uma frase na outra e, por fim, embrulhando-se por completo, deu-me a entender que devia ir passear com as crianças para o parque, o mais longe possível do casino. Por fim acabou por se zangar e acrescentou com brusquidão: «De outro modo, ainda é capaz de os levar para o casino, para a mesa da roleta. Desculpe-me — acrescentou —, mas eu sei que o senhor é bastante irresponsável e talvez capaz de ir jogar. De qualquer modo, embora eu não seja seu tutor nem deseje assumir esse papel, tenho pelo menos o direito de desejar que não me comprometa...»

— Mas se eu não tenho dinheiro — respondi calmamente —, e para o perder é preciso tê-lo.

— Vai recebê-lo imediatamente — respondeu o general, corando um pouco. Remexeu na secretária, consultou um caderno, e verificou que me devia cerca de cento e vinte rublos.

— Como é que vamos fazer as contas? — disse ele. — É preciso converter em táleres. Aqui tem, tome lá cem táleres, uma importância redonda, e o resto, é claro, não se perde.

Recebi o dinheiro em silêncio.

— Por favor, não se ofenda com as minhas palavras, o senhor é tão suscetível... Se lhe fiz aquela observação, era, por assim dizer, a preveni-lo, e é claro que tenho algum direito a isso...

Ao regressar com as crianças antes do jantar, encontrei-me com uma autêntica cavalgada. O nosso grupo ia visitar uma qualquer ruína. Duas magníficas caleches, uns cavalos excelentes! Mademoiselle Blanche numa caleche com Maria Filíppovna e Polina; o francesinho, o inglês e o nosso general iam a cavalo. Os transeuntes paravam a olhar; o efeito era garantido, mas aquilo acabaria mal para o general. Calculei que com os quatro mil francos que eu lhe levava, e acrescentando a isso o que eles tinham evidentemente conseguido pedir emprestado, teriam agora sete ou oito mil francos, o que era demasiado pouco para Mlle Blanche.

Mlle Blanche está também no nosso hotel com a mãe; algures por aqui está também o nosso francesinho. Os criados chamam-lhe «*M. le comte*», a mãe de Mlle Blanche chama-se *Mme la comtesse*¹; bem, talvez eles sejam mesmo *comte* e *comtesse*.

Eu já sabia que *M. le comte* não me reconheceria, quando nos reunimos para o jantar. É claro que o general nem pensou em apresentar-nos ou sequer em apresentar-me a ele. Mas o próprio *M. le comte* já esteve na Rússia e sabe que lá, aquilo a que eles chamam *outchitel*², é peixe miúdo. De resto, ele conhece-me muito bem. Mas devo reconhecer que compareci no jantar sem ser convidado; penso que o general se esqueceu de dar ordens, pois de outro modo ter-me-ia mandado jantar à *table d'hôte*³. Compareci por minha própria iniciativa, de modo que o general me olhou com desagrado. A bondosa Maria Filíppovna indicou-me de imediato um lugar; mas o encontro com Mister Astley salvou-me e eu achei-me involuntariamente parte integrante da sociedade.

Encontrei este inglês estranho pela primeira vez na Prússia, sentado à minha frente numa carruagem, quando eu ia juntar-me ao nosso grupo; depois encontrei-me com ele quando ia para França, e por fim na Suíça; duas vezes durante estas duas semanas — e agora encontrei-o de súbito aqui em Rolentenburgo. Nunca na minha vida conheci um homem mais tímido; é tímido até parecer estúpido, e é claro que ele próprio tem consciência disso, porque não é nada tolo. Ele é, aliás, encantador e muito calmo. Eu tinha conseguido fazê-lo conversar durante o nosso primeiro encontro na Prússia. Contou-me que tinha estado no Cabo Norte este verão e que desejava muito ir ver a feira de Nijni Nóvgorod. Não sei como travou ele conhecimento com o general; acho que está perdido de amores por Polina. Quando ela entrou, ele corou muito. Ficou muito contente por eu me sentar ao seu lado na mesa e, ao que parece, já me considera seu amigo do peito.

À mesa do jantar, o francesinho assumiu ares de grande importância; trata toda a gente com desdém e altivez. Mas em Moscovoy, lembro-me, ele andava aos caídos. Falou, sem parar, de finan-

ças e de política russa. O general ousou por vezes contradizê-lo — mas modestamente, só para não comprometer definitivamente o seu próprio prestígio.

Eu estava num estado de espírito esquisito; é claro, ainda antes do meio do jantar consegui fazer a mim mesmo a minha habitual e eterna pergunta: «Para que ando eu a perambular com este general e não me afastei deles há muito tempo?» De vez em quando olhava para Polina Aleksándrovna; ela ignorava-me por completo. Acabei por me zangar e decidi ser grosseiro.

Comecei por me intrometer de repente, sem mais nem menos, em voz alta e sem pedir desculpa, na conversa das outras pessoas. O que eu queria principalmente era querelar com o francesinho. Voltei-me de repente para o general e, numa voz muito alta e muito clara, e acho mesmo que interrompendo-o, afirmei que este verão era quase completamente impossível para os russos jantar à *table d'hôte* nos hotéis. O general fitou-me com olhar surpreendido.

— Se uma pessoa é um homem com respeito por si mesmo — continuei — está forçosamente sujeito a injúrias e terá que suportar ofensas extraordinárias. Em Paris e no Reno, e até na Suíça, há tantos polacozinhos e seus simpatizantes franceses às *tables d'hôte* que uma pessoa, só por ser russa, não tem possibilidade de proferir uma palavra.

Disse isto em francês. O general olhou para mim com perplexidade, sem saber se havia de zangar-se ou apenas surpreender-se por eu esquecer assim as boas maneiras.

— Isso quer dizer que alguém já lhe deu algures uma lição — disse o francesinho em tom negligente e desdenhoso.

— Em Paris zanguei-me primeiro com um polaco — respondi —, depois com um oficial francês que o apoiou. Mas depois uma parte dos franceses passou para o meu lado, quando lhes contei como quis cuspir no café de um monsenhor.

— Cuspir? — perguntou o general perplexo e olhando em redor. O francesinho olhou-me com desconfiança.

— Exatamente — respondi. — Como há já dois dias tinha a certeza de que talvez precisasse de ir a Roma por um breve pe-

ríodo para tratar de assuntos nossos, dirigi-me à chancelaria da embaixada do santo padre em Paris, para que me visassem o passaporte. Fui recebido por um abade dos seus cinquenta anos, magro e com uma expressão gélida que, depois de me escutar com cortesia mas com extrema frieza, me pediu para esperar. Embora estivesse com pressa, sentei-me naturalmente à espera, peguei no *Opinion Nationale*⁴ e comecei a ler uma horrível injúria contra a Rússia. Entretanto ouvi alguém passar pela sala ao lado e dirigir-se ao gabinete de monsenhor; e vi o meu abade inclinar-se. De novo me dirigi a ele, repetindo o meu pedido; pediu-me outra vez, ainda com maior secura, que esperasse. Pouco depois entrou mais um desconhecido a tratar de assuntos — um austríaco —, escutaram-no e conduziram-no de imediato ao piso superior. Fiquei muito agastado; levantei-me, aproximei-me do abade e disse-lhe num tom resolutivo que, visto que monsenhor estava a receber, podia também despachar o meu assunto. De repente o abade afastou-se de mim com invulgar espanto. Não conseguia simplesmente compreender como podia um russo insignificante comparar-se aos visitantes do monsenhor. No tom mais insolente, como a alegrar-se por poder humilhar-me, mediu-me dos pés à cabeça e exclamou: «Não pensa com certeza que monsenhor vai renunciar ao seu café por sua causa?» Então eu comecei também a gritar, ainda mais alto do que ele: «Pois fique sabendo que eu cuspo no café do seu monsenhor! Se não vai imediatamente tratar do meu passaporte, eu mesmo vou lá ter com ele.»

«Como! Quando ele está a receber um cardeal!» — exclamou o abade e, afastando-se de mim com horror, correu para a porta e abriu os braços, mostrando que seria mais fácil morrer do que deixar-me entrar.

Então eu respondi-lhe que era um herético e um bárbaro, «*que je suis hérétique et barbare*» e que pouco me importavam todos esses arcebispos, cardeais, monsenhores, et cetera, et cetera. Em suma, mostrei-lhe que não cederia. O abade olhou-me com um ódio infinito, depois arrancou-me o passaporte e levou-o para cima. Passado um minuto já estava visado. Aqui está, querem